

GONÇALO, Carolina Rehling; MARCELLO NETO, Mario. A bomba atômica: literatura e origami no ensino de geografia e história In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <<http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br>>.

A BOMBA ATÔMICA: LITERATURA E ORIGAMI NO ENSINO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

Carolina Rehling Gonçalo
Mestranda em Geografia
Universidade Federal de Pelotas
carolrg90@hotmail.com

Mario Marcello Neto
Mestrando em História
Universidade Federal de Pelotas
mariomarceloneto@yahoo.com.br

Introdução:

Em 1945, com o domínio dos Aliados sob a Itália (que estava governada a égide de Mussoline em seu regime fascista) e Alemanha (comandada pelo nazismo de Hitler), restava apenas um “inimigo” a ser rendido e colocado no patamar dos perdedores da segunda e grande guerra mundial. Essa nação faltante é o Japão, que para autores como Magalhães (ano), foi o grande alvo a ser batido para os EUA. Não pelo seu poderio militar e nem por suas possíveis divergências econômicas e ideológicas, mas sim pelo revanchismo em relação ao ataque a base militar de Pearl Harbor em 1941 pelos nipônicos.

Embora possa se discutir os efeitos simbólicos e políticos das bombas lançadas em 1945 sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki, pouco se estuda e se discute em relação aos efeitos nocivos que esta causou (e ainda causa) nas pessoas dessas cidades e seus arredores. Além disso, é um desafio e tanto conseguir estabelecer um estudo, e até mesmo obras literárias e cinematográficas, de algo onde restaram poucos sobreviventes, e uma dizimação se deu quase que por completo. Todavia, em uma pequena reflexão, poderíamos listar, no mínimo, cinco filmes e livros famosos que representam outro evento de grande ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial: o holocausto.

Tal questão sob essa desproporção entre os estudos e produções culturais que envolvem a bomba atômica e o holocausto se deve a muitos fatores. Como afirma LaCapra (2009), não se

trata de colocar em um ranking dos horrores e se dedicar a falar e estudar mais sobre o mais chocante. Estamos nos referindo àquilo que Magalhães (2005) chama de um silenciamento. Ou seja, se a bomba atômica, até então, não foi e não é tão estudada e conhecida, alguns fatores se devem a isso. O primeiro é a quantidade de mortos, que se julga pequeno perto das vítimas do holocausto. O segundo se deve ao fato de ser um dos perdedores da guerra, e com isso torna-se complicado solidarizar-se com o Império Japonês e suas práticas militaristas no período de entorno à guerra. O terceiro motivo, com raízes mais profundas, versa sobre a bomba atômica ter sido jogada na Ásia, ou seja, nos povos amarelos, inferiores e, por isso, dignos de sofrerem. O quarto motivo envolve o silenciamento institucional estabelecido pelos EUA na ocupação do Japão no pós-guerra. Tal questão é apontada tanto por Magalhães (2005) como por Kenji Nakasawa em seu mangá “Gen - Pés Descalços”.

Esses possíveis motivos para tal silenciamento podem se concretizar, como também podem ser refutados, dependendo do ponto de vista de análise. Nosso foco neste trabalho é compreender a relação entre História, Geografia e literatura, sabendo que esta concentra-se no trabalho interdisciplinar, uma vez que a literatura é capaz de informar sobre a condição humana, como as características econômicas, históricas, estilos de vida e os múltiplos meios físicos retratados na área determinada, ainda, a obra literária é tratada como documento de determinada realidade, capaz de representar indivíduos de determinado lugar e tempo. Com isso, escritores representam visões de espaço, de lugar e tempo num determinado local. Contribuindo assim na compreensão da experiência humana.

No cenário da emergência dos fascismos na Europa e do militarismo expansionista japonês, liderados respectivamente por Hitler, Mussolini e Hirohito causaram transformações radicais nos países envolvidos com suas políticas, alterando profundamente diversos campos como a cultura, o pensamento, a política, entre outros, deixando marcas visíveis até os dias de hoje (HOBSBAWM, 1995).

Segundo Hobsbawm (1995), inserido nesse contexto estava o império Japonês, em guerra contra os Estados Unidos da América desde o final do ano de 1941, ou seja, quando realizaram o ataque a Pearl Harbor. Membro do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e possuindo um governo autoritarista em 1945 o Japão beirava um colapso devido ao esforço empreendido na guerra.

Nessas condições, no dia 6 de agosto os EUA lançam a bomba atômica de Urânio sobre a cidade de Hiroshima.

Objetivos:

Este trabalho tem com objetivo compreender como uma obra literária pode ser utilizada no ensino de História e Geografia através do ensino interdisciplinar. Bem como, compreender o espaço geográfico como produto histórico construído e reconstruído constantemente.

Ainda, têm-se como objetivo a procura por novas metodologias capazes de tornar o ensino mais prazeroso, atrativo e criativo.

Metodologia:

Para a realização deste trabalho foi utilizada como metodologia, pesquisa bibliográfica, bem como, pesquisa em sites e blogs que apresentam textos sobre o tema pesquisado. Os autores: LaCapra (2009), Magalhães (2005), Hobsbawm (1995), Pollack (1989), entre outros deram suporte necessário ao caráter histórico do estudo realizado, no que diz respeito a interdisciplinaridade utilizamos fundamentalmente Pombo (2004), bem como para o aprofundamento Geográfico do trabalho foram utilizados, Santos (1996) e Castrogiovanni (2011). Com base nesse autores foi realizada a análise das obras *Gen pés descalços* do autor: Keiji Nakasawa e *Sadako e os mil pássaros de papel* de Eleanor Coerr. Para o seu uso no ensino de História e Geografia.

Os problemas enfrentados no ensino, não se caracterizam por uma ou outra disciplina, de forma que a solução encontra-se ligada a diversos saberes. Faz-se necessário a busca por um trabalho diferenciado que possa atender satisfatoriamente os desafios atuais. Para a construção de conhecimentos significativos e de alunos críticos.

Observados diversos livros didáticos de 7^a e 8^a séries do ensino fundamental, e/ou 8^o e 9^o ano, percebe-se o quanto o conteúdo abordado, é trabalhado de forma banal, capaz de passar despercebido. Restringindo-se muitas vezes a meia página com títulos como: “o poder de destruição das armas” e pequenas imagens de destroços. Muito longe estão de representar um mínimo que seja da barbárie que representa uma bomba atômica.

Percebe-se ainda neste conteúdo uma proximidade grande quanto às disciplinas de História e Geografia quanto aos seus conceitos-chaves. De forma que o trabalho interdisciplinar se aplica facilmente nessas disciplinas e no tema em questão.

Há uma família de quatro elementos que se apresentam como mais ou menos equivalentes: pluridisciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. (POMBO, 2004.p.04).

A pluridisciplinaridade busca trabalhar a relação que existe entre disciplinas, ou seja, deve-se considerar a proximidade existente entre as áreas a serem trabalhadas, rompendo assim o caráter estanque das disciplinas.

Desta forma a pluridisciplinaridade é o primeiro elemento citado por Pombo (2004), pois é através dele que se pode alcançar os demais. A interdisciplinaridade apresenta a perplexidade diante da fragmentação do conhecimento e um esforço por buscar alternativas capazes de permitir a transferência de métodos e, conseqüentemente um olhar mais abrangente.

A origem da interdisciplinaridade vem da antiguidade e, etimologicamente, o termo interdisciplinaridade é composto por três termos: *inter*, ação recíproca; *disciplinar*, que diz respeito à disciplina; e o sufixo *dade*, que expressa estado, situação ou resultado da ação. Ou seja, a interdisciplinaridade seria a ação ou situação onde as diferentes disciplinas atuariam de forma interligada, em reciprocidade.

Memória e Tradição Oral no Japão

Seria simples demais se Sadako fosse apenas mais uma pessoa a qual ao ser a protagonista de uma obra literária teria se tornado imortal. Seria até leviano pensar assim. Sadako, hoje, faz parte do imaginário social (BACZKO, 1985) japonês, sua história e, principalmente para a cultura japonesa, o seu legado está imortalizada e passa de geração em geração como forma da perpetuação de sua história.

Tentar aqui desvendar o que é mentira e o que é realidade dentro da obra literária e até mesmo na tradição oral seria além de complexo, inútil. Podemos afirmar isso tendo em vista que a forma como opera essa memória coletiva (POLLACK, 1989) é o que nos interessa. Não a veracidade, mas sim a sua funcionalidade e seu legado. A bomba atômica só foi lançada duas vezes sob uma população civil (em Hiroshima e Nagasaki) e depois disso tal fato nunca mais ocorreu. Todavia, durante todo o período da Guerra Fria o medo de uma guerra nuclear era tão

presente que grande parte da produção cultural e artística da época era voltada para tal questão. Ou seja, o legado da bomba não foi de paz, de fim de uma guerra, ele apenas anunciou uma nova era.



Figura:1. Foto do local onde hoje foi construído o monumento da paz e a estátua de Sadako¹.

Um fato instigante nessa história é pensar como a nação que sofreu diretamente este ataque lidou com isso. É ir além das questões políticas (demonstração de força e tecnologia bélica dos EUA para a URSS) e das questões senso comum de falar das mortes e radioatividades. É compreender um imaginário de guerra, de destruição e medo. Pensar tais questões nos faz tentar entender o motivo pelo qual Sadako é imortalizada em sua mensagem de paz, principalmente para as crianças, a geração que não viu e não deverá ver outra guerra.

1 Tirada durante a tarde de 6 de agosto de 1945 pelo fotógrafo Yoshito Matsushige (famoso por fotografar todo o processo o dia-a-dia desta data fatídica para o Japão). Disponível em: <<http://nuclear-news.net/2013/08/09/yoshito-matsushige-photographer-of-iconic-hiroshima-bombing-pictures/>> Acesso em 19/03/2014.

A síndrome de Mob Dick no Japão tomou conta das mais diversas obras e ramos da cultura. Ela pode ter sido algo implantado por outrem (os EUA, por exemplo), como pode ter sido uma autodefesa criada para si. Independentemente da origem, o fato é que esta síndrome se manifesta quando o assunto é a bomba atômica. Essa relação com Mob Dick foi estabelecida pelo historiador Alessandro Portelli (2000), quando este comenta que a justificativa para determinadas ações são as mesmas encontradas pelos pescadores que são atacados pela baleia. Todos os pescadores que provocam a baleia sabem que ela agirá afundando seus barcos, portanto se provocaram, mereceram afundar. Tal relação é direta com a questão das bombas no Japão, pois se atacara os EUA, sabiam que a resposta ia ser truculenta, portanto foi merecido o uso de armas nucleares em cidades de uma imensa maioria de população civil.

Não nos cabe, aqui, julgar tais questões. Todavia Kato (2012) ao analisar a cultura japonesa, percebe que a sua forma de ver o espaço e o tempo influi diretamente na sua forma de ver mundo. A tradição oral e seus costumes acabam por perpetuar elementos significantes e estruturantes para a sua vida em sociedade, e a história de Sadako é um exemplo disso.

Segundo o historiador Shuichi Kato (2012) a cultura japonesa se caracteriza pela forte tradição oral. A palavra falada tem mais força do que atitude tomada. A honra está no respeito ao que foi dito, tais questões embora estejam muito abaladas pelas influências ocidentais cada vez mais maior, ainda se perpetuam na sociedade japonesa. As fábulas e outras formas de passar uma lição, um legado é extremamente utilizado e aceito por grande parte da população.

A perpetuação de uma história ou memória através da tradição oral para disso tirar uma lição uma aprendizagem deve ser vista para além de usos da memória pelo Estado como forma de manipulação. Deve ser visto, também, como uma forma de manifestar-se culturalmente sobre um evento e suas consequências. Principalmente sobre a comoção nacional que a história da Sadako representou e se tornou maior ainda após sua morte. Não estamos negando os usos dessa memória pelo Estado, apenas relativizando tal questão.

Trabalhando com o livro: *Sadako e os mil pássaros de papel*

O livro: *Sadako e os mil pássaros de papel* da autora Eleanor Coerr, conta a história de Sadako Sasaki², uma menina de dois anos de idade no dia da explosão e que estava a 2 km do local e foi vítima da radiação bomba.

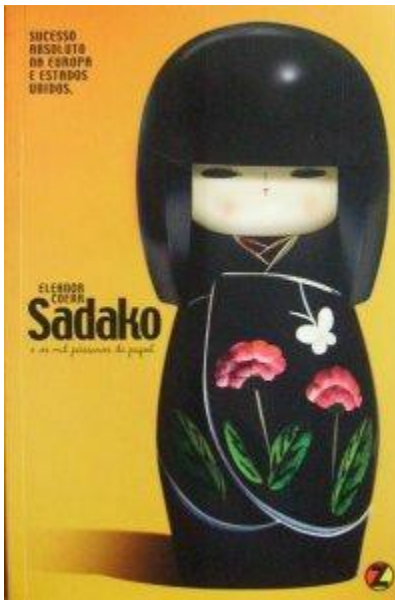


Figura:2. Capa do livro: Sadako e os mil pássaros de papel de Eleanor Coerr.

Segundo Coerr, dez anos após a explosão, Sadako descobre que estava com leucemia em função da radiação causada pela bomba atômica, foi então internada no hospital onde seus amigos de escola a visitavam com frequência. Um dia levaram alguns papéis coloridos e ensinaram Sadako a dobrar o tsuru, disseram a ela que esse pássaro é sagrado no Japão, vive mil anos e tem o poder de conceder pedidos. E que se ela dobrasse 100 tsurus pedindo para curar a cada um deles, seu desejo seria realizado.

Sadako começou a dobrar os pássaros pedindo sua cura, no entanto sua enfermidade se agravava e a sua volta eram muitas das pessoas enfermas estavam sofrendo com o efeito da bomba, continuavam a morrer em função da radiação. Sadako se viu rodeada de sofrimento e

2 Sobre isso ver: <http://madeinjapan.uol.com.br>

tristeza, foi então que resolveu mudar o seu pedido, resolveu pedir pela paz no mundo, para que nunca mais nenhuma criança passasse pelo que ela estava passando em uma realidade tão triste.

Sua enfermidade se agravava e quando Sadako havia dobrado 644 tsurus, veio a falecer. Seus amigos dobraram os tsurus restantes a tempo de seu enterro e inconformados com sua morte iniciaram um movimento em todo país, arrecadaram fundos para construir um monumento em homenagem a Sadako Sasaki. Conseguiram ajuda de muitas escolas japonesas e então dois anos depois foi levantado o Monumento das Crianças à Paz, o monumento possui uma estátua de Sadako segurando um tsuru e traz uma placa com a inscrição: “Este é nosso grito. Esta é a nossa oração. Paz no mundo.” O monumento fica no Parque da Paz em Hiroshima e lá estão os tsurus que Sadako dobrou, bem como, conjuntos de mil pássaros que pessoas do mundo todo enviam com a intenção de renovar o pedido de paz, até hoje.



Figura 3: Monumento da Paz em Hiroshima³.

A história narrada no livro é conhecida popularmente em todo Japão e em muitos lugares do mundo. No Memorial da Paz existem cartas de Sadako e até mesmo mais de mil tsurus dobrados por ela. No entanto, outras fontes, Coerr traz uma versão mais romântica sobre o fato, a que ficou sendo mais conhecida, o que não diminui a importância do evento, mas sabe-se de

3 Disponível em: http://www.myhero.com/go/hero.asp?hero=s_sasaki

diversas fontes⁴ sobre a vida de Sadako. Através da história de Sadako Sasaki é possível trabalhar com alguns conceitos como “Evento Modernista”. Segundo White [s/d], os problemas apontados pelo realismo tradicional, ou seja, a forma de apresentar realisticamente a realidade, abandonando o fundamento no qual o realismo se estabelece, sendo uma oposição entre fato e ficção.

E, como a opinião crítica atual sugere, a própria noção de “ficção” é posta de lado na conceituação da literatura como um modo de escrever que abandona tanto a função referencial quanto a função poética do uso da linguagem. (WHITE [s/d] p.192).

O autor consegue traduzir como a literatura foi trabalhada em relação à história de vida de Sadako Sasaki, ou seja, abandonando a função referencial, mas não totalmente. Ele também coloca que trabalhos que “ficcionalizam” em maior ou menor grau eventos históricos e seus personagens, se diferem dos de protótipo genérico, como no caso do romance histórico do século XIX, que nasce entre a trama imaginária de romances e de eventos históricos de fato.

Dobrando um tsuru

A segunda parte da proposta estrutura-se na dobra de um origami, arte milenar japonesa que consiste na dobra de papel na criação de figuras como plantas e animais, entre elas o tsuru. Os tsurus podem ser feitos em tamanhos e tipos diferentes de papéis, podem ser utilizados: papel dobradura, papel fantasia, jornal, entre outros.

4 Sadako tornou-se, praticamente, uma lenda no Japão. A tradição oral daquela sociedade possibilitou que sua vida fosse transformada em, praticamente, um mito, no qual todas as crianças aprendem, sua história na escola.

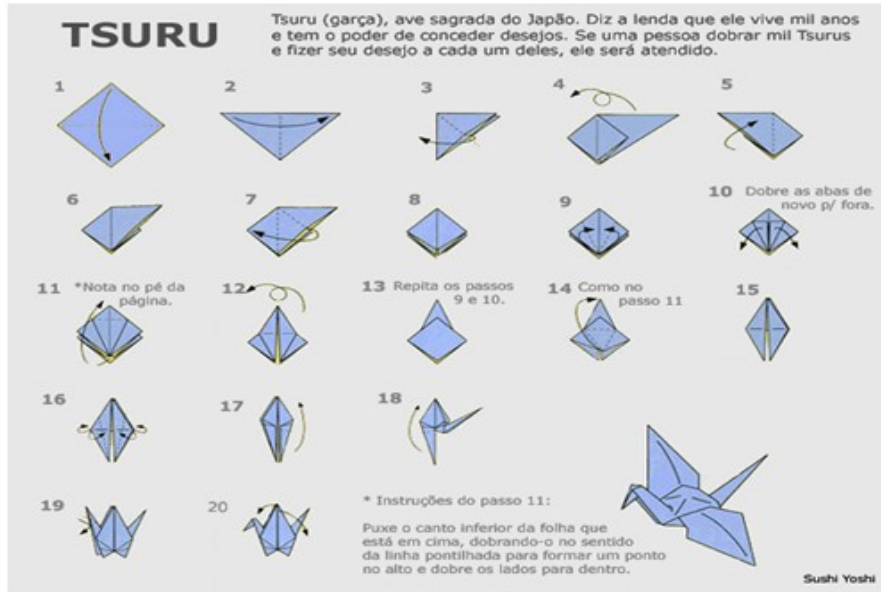


Figura 5. Tsuru de papel⁵.

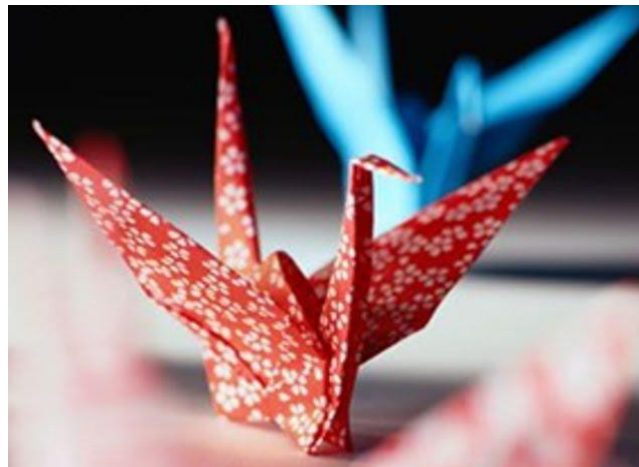


Figura 4. Diagrama do Tsuru. Autor: Sushi Toshi⁶.

Trabalhando com o conceito de Memória

Segundo Pollack (1989) a memória coletiva é estruturada por diversos pontos, como lugares aos quais pertencemos, monumentos, datas, personagens históricos lembrados com frequência,

5 Disponível em: < <http://blog.itamaratyhall.com.br/casamento-com-origamis/>>. Acessado em 03/07/2014.

6 Disponível em: <<http://saidaminhanuvem.blogspot.com.br>>. Acesso em: 19/04/2014

entre outros. Desta forma, encontramos diversos elementos que compõe a memória coletiva na história de Sadako, até mesmo sua figura é um elemento que compõe a memória coletiva.

Embora Sadako seja japonesa, sabe-se que o livro que leva sua história de vida e seu nome não foi produzido por japoneses, e sim por uma canadense. Pollak (1989) nos diz que a sobrevivência de lembranças traumatizantes se mantém por anos em silêncio, como que guardadas esperando o melhor momento para serem expressas.

A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. (POLLAK, 1989.p.03).

Sadako Sasaki faleceu no ano de 1955, no entanto sua história só foi publicada em 1977, ou seja, vinte dois anos depois. O que não quer dizer que sua história não fosse conhecida durante esse tempo, pois foi sendo transmitida oralmente, sendo, portanto o livro resultado dessa transmissão oral.

As lembranças de guerras remetem sempre ao presente, fazendo com que o passado seja deformado e mesmo reinterpretado, desta forma existe uma permanente interação entre o que se vive e o que é aprendido e transmitido, isso se aplica a todas as formas de memória seja ela individual ou coletiva, nacional ou familiar (POLLAK, 1989).

Ao pensarmos em eventos como o holocausto judeu, a fome na África contemporânea, o temor nuclear durante a guerra fria entre outros, o que podemos dizer que estes têm em comum? A gravidade e perplexidade que existe em torno de eventos tão traumáticos quanto esses. Quanto a isso, Bill Nicholls traduz e complementa a ideia de Hayden White, dizendo que:

[os eventos modernistas] atuam na consciência de alguns grupos sociais exatamente como os traumas infantis são concebidos para atuar na psique dos indivíduos neuróticos. Isso significa que eles não podem ser simplesmente esquecidos e excluídos da mente, mas também não podem ser adequadamente lembrados, ou seja, clara e precisamente identificados com seu significado e contextualizados na memória do grupo de maneira a reduzir a sombra que lançam sobre a capacidade do grupo de entrar no seu presente e vislumbrar um futuro livre de seus efeitos debilitantes [...] É a natureza anômala dos eventos modernistas – sua resistência a categorias e convenções herdadas para lhes atribuir significado – que enfraquece não apenas a posição dos fatos em relação

aos eventos, nas também a posição a posição do “evento” em geral. [Um resultado é a dificuldade] sentida pelas gerações presentes de chegar a algum acordo com relação ao seu significado – ou seja, o que os fatos estabelecidos sobre esses eventos poderiam possivelmente nos dizer sobre a nossa atual competência social e cultural e que atitude devemos tomar com referência a eles quando fazemos planos para o nosso futuro. Em outras palavras, o que está em questão aqui não são os fatos importantes relacionados a esses eventos, mas os significados com os quais esses fatos podem ser interpretados como suportáveis. (NICHOLLS in MOURÃO & LABAKI, 2005, p. 179)

Dito isso, o autor explicita o que pretendemos problematizar com relação aos alunos em sala de aula. Na verdade, este fragmento acima foi o que nos motivou em pensar a realização desta oficina. Quando White comenta que determinados eventos são traumáticos ao ponto de não serem esquecidos, mas também impossíveis de serem lembrados, obviamente que nos vem a mente um dos eventos mais chocantes do século XX que é a bomba atômica.

Por isso, através da literatura e da tradição oral envolvendo Sadako Sasaki, podemos notar como a representação feita deste evento está atrelada a uma dramaticidade necessária, e a argumentações que só quem vivenciou esse momento conseguiria fazê-la. Isso se deve ao fato de envolver uma criança sobrevivente da bomba, mas que trouxe consigo uma doença causada por sua radiação. Esta tradição oral e a tenta trazer a tona um evento de extrema dramaticidade e dor, embora saibamos só quem viveu conseguiria compreender um pouco melhor, tal evento não pode e não deve ser esquecido.

Mais do que um símbolo político ou evento da guerra, Thompson (1985) via em ações como a bomba atômica de proporções desastrosas para humanidade, podendo leva-la a um extermínio. Quando o autor falar sobre o conceito de *exterminismo* compreendemos que o seu medo e sua visão nublado e, de certo modo, pessimista de um futuro, fica evidente as suas causas, uma consequência de pessoas que viveram, e no caso de Thompson também estudou, estes *eventos modernista*. Todavia fica ainda uma questão: qual evento seria este que teria marcado os escritos de Thompon? Obviamente a Guerra Fria é o contexto, mas o temor nuclear é o evento. Ele é algo que não materializou em uma ação ou duas, foi algo que perdurou por muitos anos (e talvez ainda perdure) no imaginário daqueles que estavam próximos dos eixos político centrais deste período.

Quando problematizamos o medo que se tem com relação a uma sociedade distópica, estamos falando em relação ao que já falamos sobre o *exterminismo*. Afinal, após eventos tão traumáticos e pesados como projetar um futuro claro e otimista? Por isso, embora muito criticado, Thompson está falando em relação a pessoas que estão diretamente ligada a estes eventos e que por eles, de uma forma ou de outra, foram traumatizadas. Ratificando isso, ele comenta que:

O exterminismo designa aquelas características de uma sociedade – expressas, em diferentes graus, em sua economia, em sua política e em sua ideologia – que a impelem em uma direção cujo resultado deve ser o extermínio de multidões. O resultado será o extermínio, mas isso não ocorrerá acidentalmente (mesmo que o disparo final seja “acidental”), mas como a consequência direta de atos anteriores da política, da acumulação e do aperfeiçoamento dos meios de extermínio, e da estruturação de sociedades inteiras de modo a estarem dirigidas para esse fim (THOMPSON, 1985, p. 43).

Afinal, como compreender um passado tão problemático e marcante como esses *eventos modernistas*? Estas questões que tentamos colocar em pauta com os alunos para que estes percebessem através da *memória* construída em torno estes eventos e as representações do medo de um futuro destruído pelo próprio homem devem ser pensadas e repensadas, numa tentativa de formar uma consciência crítica do passado, para que estes sujeitos se tornam atuantes na sociedade, agindo para que situações como estas não ocorram novamente.

Em relação à *memória* adotamos a visão de dois autores: Dominick LaCapra (2009) e Paul Ricoeur (2012) com as quais utilizamos para discutir com os alunos. Primeiramente vale ressaltar que para Ricoeur a *memória* pode ser descrita como o passado, é a presença de algo que aconteceu no passado, mas que um dia esteve “viva”. Além disso, para o autor, a memória é seletiva, mas não só pelo motivo ao qual selecionamos aquilo que lembramos, mas também pelo motivo que esquecemos algumas coisas.

Sendo assim, o autor trabalha com a ideia de *memória* e *esquecimento*. Se traçarmos um ponto convergente entre Ricoeur e White podemos notar que os *eventos modernistas* estão justamente no meio destes dois. Eis aí que se encaixa o tais eventos, equidistantes o suficientes para ser lembrados, dramáticos o bastante para ter uma visão conturbada do mesmo. Isso pode

ser melhor entendido na entrevista concedida por Nakazawa (roteirista de *Gen- Pés Descalços*).

Quando comenta os motivos pelo qual escreveu tal obra, diz que:

Não escrevi Gen simplesmente para denunciar a destruição causada pela bomba atômica. Eu queria retratar o processo pelo qual o povo japonês foi aprisionado num sistema imperial fascista que exaltava o imperador e instigou a nação a uma guerra total. Eu queria mostrar à próxima geração a miséria que um conflito bélico traz a um país. Eu queria que eles soubessem das atrocidades que o Japão cometeu na China e na Coréia e no resto da Ásia.(...) Na verdade não há nada mais perigoso do que a ignorância.(...) Nós não devemos deixar que Hiroshima e Nagasaki aconteçam de novo. (NAKAZAWA, 2003, p.12)

Fica evidente que a *memória* ali exposta traz consigo uma carga traumática importante, que não permite a ele, e talvez a ninguém, compreender este evento mais a fundo. Porém, devemos lembrar que se trata de algo tão traumático e que não deve ser esquecido, deve ser sempre lembrado, para que sirva de exemplo de como atos políticos e militares podem levar a um genocídio humano ou até o seu extermínio. Sadako e seu legado, embora não tenha como foco o trauma da bomba, traz consigo o drama da morte de um criança causada pela bomba. Sua mensagem de paz no final é típica da cultura japonesa, como afirma Kato (2012) que o Japão é uma cultura que se propõe a pensar em soluções para o presente, de acordo com a conjuntura atual, e na sua localidade, despreocupando-se com os outros e nem remoendo o passado.

Sadako e seus tsurus é isso, é a representação de um novo tempo, de um tempo necessário de paz. Para aquela cultura pouco importa (ou importava) saber e culpabilizar alguém pela bomba, o problema agora era se reerguer e pensar no futuro, como de fato fizeram.

Quando LaCapra vai analisar a memória em relação ao complexo existente em Auschwitz com relação a criação de campos de concentração de judeus por parte dos nazistas. Este autor se torna importante para este trabalho por dois motivos. O primeiro é o fato deste lidar com um *evento modernista* e o outro é que ele se dedica a discutir em um capítulo de seu livro a novela gráfica *Maus*, de Art Spiegelman que representa judeus como ratos e nazistas como ratos, na qual existe forte elementos da memória coletiva; afinal trata-se da história de como seus pais sobreviveram ao holocausto.

Para LaCapra (2009) a memória é mais emocional, ligada a psicanálise, já a História é mais crítica e exige certo (re)pensar do passado. Isso se deve, pois na visão do autor, tratar do passado em eventos traumáticos, deve-se levar em consideração outros elementos que não são abordados tradicionalmente. A memória se torna difícil, fechada, nublado e as vezes até inacessível em alguns pontos, e por isso a História deve traçar uma meta de destrincha-la, questioná-la e valorizá-la como fonte, objeto e principalmente como parte integrante de si. Ele comenta que:

Mencionaría para comenzar dos conjuntos urgentes de razones para el giro a la memoria y su relación con la historia. Primero, está la importancia del trauma, incluyendo sobre todo la demora en el reconocimiento de la significación de la serie traumática de acontecimientos de la historia reciente, acontecimientos que preferiríamos olvidar⁷. (LACAPRA, 2009. Pág. 21)

Sendo assim o autor converge com a ideia de White considerando a memória como algo que se constrói a partir de uma relação social, mas também influenciada por traumas e eventos – de maior ou menor gravidade – sendo estes importantes objetos de estudos da História, mas que não devem ser tratados apenas com algo auxiliar no estudo do passado, mas sim como uma fonte tão importante, que na visão de White a História nunca conseguiria atingir tais objetivos sozinha. Objetivos estes que são despreziosos, mas que tem como foco resguardar a lembrança do passado, e a forma como ele é visto é o que deve ser estudado pelo historiador e problematizado pelo professor.

Memória e Lugar

A pluridisciplinaridade se caracteriza pela relação de proximidade entre disciplinas. De forma que ao trabalhar um dos conceitos chaves da disciplina de História: Memória, percebe-se que em sua concepção encontra-se um conceito chave da disciplina de Geografia: Lugar.

⁷ Mencionaria, para iniciar, dois conjuntos de razões urgentes para transformar a memória e sua relação com a história. Primeiro é a importância do trauma, incluindo em particular o atraso no reconhecimento de significação da série traumática de acontecimentos da história recente, eventos que preferiríamos esquecer (Tradução Nossa).

A ideia de lugar está associada à imagem da significação, do sentimento, da representação, ou seja, é formado por uma identidade, devendo seu estudo contemplar a compreensão das estruturas, das ideias, dos sentimentos e paisagens que ali existam.



Figura: 6. Monumento da Paz no parque da Paz em Hiroshima⁸.

O monumento da paz é um lugar repleto de significados pois pessoas de todo Japão e do mundo inteiro enviam ao local no dia 06 de agosto, dia da Paz no país, conjuntos de mil tsurus

⁸ Disponível em: <http://madeinjapan.uol.com.br/2013/08/06/mil-passaros-de-papel-como-simbolo-de-paz/>. Acesso em: 03/07/2014.

num ato simbólico de representar o pedido de paz, renovando assim o que Sadako Sasaki quis passar as demais crianças do mundo.

Ao longo do processo histórico as sociedades se organizam e reorganizam o espaço, simultaneamente à transformação da natureza. Assim, a organização espacial nada mais é do que a expressão material do homem, resultado de seu trabalho social e que reflete as características do grupo que construiu.

[...] ao mesmo tempo em que o mundo é global, as coisas da vida e as relações sociais se concretizam nos lugares específicos. E, como tal, a compreensão da realidade do mundo atual se dá a partir dos novos significados que assume a dimensão do espaço local. A globalização e a localização, fragmentando o espaço, exigem que se pense dialeticamente essa relação, pois, “cada lugar é, a sua maneira, mundo...a história concreta do nosso tempo repõe a questão do lugar numa posição central.”(SANTOS, 1996,p.152.).

Com isso busca-se a autonomia do sujeito através de instrumentos que lhe permitam pensar, ser criativo, criar e transformar o mundo em que vive.

Resultados finais:

Unindo áreas afins, utilizando a literatura disponível sobre o tema e origami como recurso didático, pensou-se em tornar a construção do conhecimento mais lúdica, criativa e prazerosa trazendo explicações para as formas aparentes do espaço a fim de entender o jogo de forças que atuam na sua construção. Tentando trabalhar de forma interdisciplinar, ou seja, com o trabalho em conjunto de diversas áreas de forma que a interdisciplinaridade possa se dar no próprio trabalho do professor, através de pesquisas que procurem soluções para os problemas encontrados no dia a dia da sala de aula. Assim, a interdisciplinaridade se apresenta como uma exigência natural e interna das ciências, na compreensão da realidade que cerca a comunidade escolar, a vida de cada sujeito, de cada aluno que, através da escola pretende alcançar a cidadania.

Referências:

ARAUJO, Regina; GUIMARÃES, Raul Borges; RIBEIRO, Wagner Costa. **Construindo a geografia: a América e o mundo**. 2.ed.São Paulo: Moderna, 2005.

BACZKO, Bronislaw. A Imaginação Social. In: LEACH, Edmund et all. **Anthropos-homem**. Enciclopédia Einaudi Vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. Pág. 296-332

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org); CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 10 ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

COERR, Eleanor. **Sadako e os mil pássaros de papel**. São Paulo: Editora Z, 2004.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX - 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KATO, Shuichi. **Tempo e espaço na cultura japonesa**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

LACAPRA, Dominick. **Historia y memoria después de Auschwitz**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

LUCCI, Elian Alabi; BRANCO, Anselmo Lazaro. **Geografia: homem & espaço: as relações internacionais e a organização do espaço mundial**, 8ª série. 20.ed. Ver. E atual. São Paulo: Saraiva, 2005.

MAGALHÃES, Fernanda Torres. **6 de Agosto de 1945: Um clarão no céu de Hiroshima**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005

NAKAZAWA, Keiji. **Gen – pés descalços: O Recomeço**. São Paulo: Conrad, 2003.

NICHOLLS, Bill. Evento Terrorista. In: Mourão, Maria Dora & LABAKI, Amir (Orgs.). **Cinema do real**. São Paulo: Cosac Naify, 2005

POLLAK, Michael. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989. p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana [Toscana: 29 de junho de 1944]: mito, política, luto e senso comum. In: **Uso e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000. Págg. 103-130.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

THOMPSON, E. P.. **Exterminismo e guerra fria**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WHITE, Hayden. O Evento Modernista. **Lugar comum**. Rio de Janeiro, n. 5-6, [s/d], Pág.191-219.